

CINEMA

Crítica

Vicente Jorge Silva

Viagem ao fim da noite

"Escândalo", de Salvatore Samperi com Lisa Gastoni e Franco Nero.. Em exibição no "Condes"

UM ACASO (feliz?) e dois equívocos (reveladores de como vai a programação das salas de cinema em Portugal...) fizeram com que se sucedessem na tela do "Condes" dois filmes invulgarmente importantes e referidos a um mesmo momento histórico: "Mr. Klein" de Joseph Losey (que, o exibidor pretendia fazer passar por uma fita espionática-policial) e "Escândalo" de Salvatore Samperi (apresentado pela publicidade como um vulgar produto pornográfico). Dois gatos por lebre — e como tal rejeitados pelo público (edificantes, a esse respeito, os comentários em voz alta durante as sessões a que assisti). Por estas e por outras, bem apetecida ao crítico despir o casaco, arregaçar as mangas e fazer desta coluna um panfleto indignado contra o verdadeiro escândalo (de indigência mental — até numa perspectiva puramente capitalista — e de oportunismo) que representa o negócio da distribuição e exibição de filmes em Portugal. Mas ficará para outra ocasião e outro espaço do jornal essa denúncia que se impõe. Para já, importa desfazer um equívoco e chamar a atenção do cinéfilo distraído para a importância do filme de Samperi.



Se "Mr Klein" é o primeiro filme "francês" de Losey, referido historicamente ao período da ocupação alemã, "Escândalo", embora falado em italiano e feito em Itália, tem que ver com os antecedentes desse período, quando as tropas de Hitler iniciavam a invasão de França. Enquanto a rádio vai noticiando a progressão dos acontecimentos e os alertas episódicos se sucedem, uma senhora respeitável da média burguesia francesa, farmacêutica, casada com um intelectual "na reserva" (que organiza nos tempos livres serões literários sobre Stendhal e coleciona peças raras de "arte nova"), mãe de uma rapariguinha entre as últimas manifestações da infância e as primeiras revelações eróticas da adolescência, essa madame respeitável, contava eu, empreende

uma sônga e patética viagem ao fim da noite dos sentidos — ou o "império", diria Oshima — nos braços de um seu servente que escapou por protecção "dos senhores" à chamada às fileiras. Num universo em "huis clos" (e teatralmente assinalado pela evidência dos artificios do estúdio nos "falsos" e raros exteriores) a prostituição progressiva da patroa nas mãos do servente, um "lumpen" típico, arrasta consigo a desagregação da ordem familiar: a destruição do mundo físico "exterior" pelo bombardeamento final é apenas o contraponto da destruição interna — pelo apodrecimento na indiferença, na hipocrisia, e no círculo das dependências de classe e dos sentidos fechadas sobre si mesmas — de um outro mundo: uma ordem social e moral. Mundo de decadência dorada — com seu "décor" elaborado pelo gosto "retro" do chefe da família — que Samperi vai povoando de uma tensão cada vez mais perturbadora e quase asfixiante, um "mal-estar" à beira da náusea e da vertigem.

Marcado pela menoridade apenas interessante da sua obra anterior — "Obrigado Tia", filme que revelou Lisa Gastoni aqui redescoberta, e os melodramas e comédias que fez de propósito para Laura Antonelli — este cineasta sensível que era Salvatore Samperi rejeita com "Escândalo" todas as

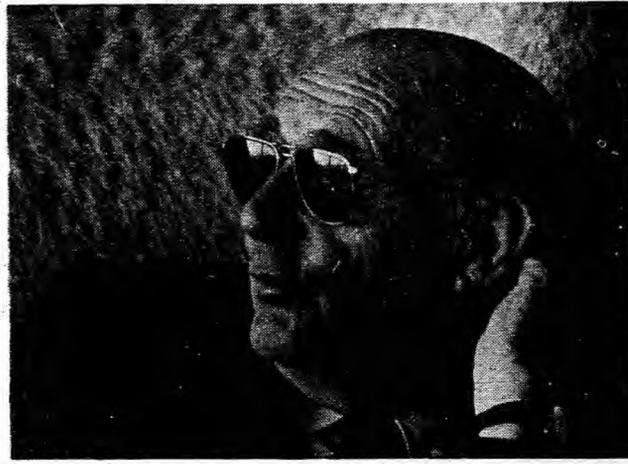
convenções e compromissos obviamente comerciais que o haviam condenado ao purgatório cinéfilo, sem ceder por outro lado ao espírito de "ghetto" e ao rigorismo bem-pensante de certo (jovem e árido) cinema. "Escândalo" é uma nova porta aberta para Samperi e uma nova expressão de vitalidade do cinema italiano. A ver urgentemente — e a resgatar "in extremis" se possível da indiferença e oportunismo de uma programação acéfala.

Outros filmes

"A Pantera volta a atacar" — Se o "Regresso da Pantera" era já pouco mais do que os (sempre) fabulosos desenhos do genérico, este não é mais do que isso. Repetição de velhos "gags" até à exaustão, estafadíssimas piscadelas de olho cinéfilas (o "castelo" à Conde Drácula com engenhocas à James Bond), cabotismo insuportável de Peter Sellers. Um Blake Edwards — ah! que saudades das primeiras Panteras, da "Boneca de Luxo" e da "Grande Corrida à Volta do Mundo"... — em crise total de imaginação, aplicado apenas a tentar fazer render sem convicção um filão esgotado. (Em exibição no S. Jorge e Vox).

"O Homem da Maratona" — As potencialidades (riquíssimas) que se adivinham no argumento de William Goldmann, um "background" político envolvendo criminosos de guerra nazis, agentes duplos americanos, a recordação da caça à bruxas na América dos anos 50, face à solidão comovedora de um jovem corrdor de fundo apanhado nas encruzilhadas kafkianas da História, tudo isso passa a segundo plano sob a pressão do academismo dissolvente da realização do inglês John Schlesinger. Resta um "thriller" bem oleado, com "suspense" ao gosto e à medida do consumidor do espectáculo, actores excelentes, fotografia e música a condizer. (Em exibição no Tivoli, Berna e Caleidoscópio).

"40 graus à sombra do lençol" — Programado como uma qualquer destas grosseiras imbecilidades "picantes" que invadem os ecrãs de Lisboa, um reencontro inesperado (e feliz) com a comédia em "sketches" italiana. O episódio do "guarda-costas" (com Marty Feldman, um dos actores predilectos de Mel Brooks), particularmente inventivo, destaca-se num conjunto de histórias ou "tranches de vie" (com a marca de Tonino Guerra, argumentista de vários filmes de Antonioni/Rosi e Dino Risi) em que o sentido crítico do humor italiano, com a sua inspiração bocaciana, está saudavelmente presente. Só que o realizador, Sérgio Martino — especialista em sub-productos de consumo corrente — não é Dino Risi nem Luigi Comencini. (Em exibição no Eden).



Rossellini morreu

"DA MINHA juventude me ficou o desejo de estar sempre disponível, e aderir à grande aventura da vida, que é a mais importante de todas. Porque não há dúvida de que o único tempo real é o futuro", disse-me Roberto Rossellini quando há tempos passou por Lisboa.

Tinha 70 anos e acaba de morrer com um ataque de coração, lê-se nos jornais.

Custou-me a acreditar. E percebi então, melhor do que na altura em que o encontrei, que Rossellini é daqueles homens que joga mal com a ideia da morte, tal como correntemente a concebemos.

Ele dizia: "Aqui há tempos alguém, em tom de insulto, me atirou "mas afinal você é um optimista". E eu, envergonhado, tive que concordar que sim, que era".

Um optimista porque acreditava no homem, porque acreditava em desenvolver nele as potencialidades ainda não reveladas.

De facto, aquilo a que hoje chamamos homem é, parece-me, apenas um rascunho daquilo a que amanhã chamaremos homem.

Quando, à racionalidade-rei, se acrescentar a intuição-rainha, quando à competição-regra se substituir a cooperação-espírito, quando os valores de grupo tomarem o lugar dos valores individuais, teremos então matéria-prima para a revolução sonhada, tantas vezes ensaiada e tantas vezes, por isso mesmo, frustrada.

Isto reconhecia alguém quando, no outro dia, me dizia, falando de diversas experiências comunitárias que floresceram em Portugal nos últimos três anos: "falharam quase todas por problemas humanos, por desentendimentos individuais entre os membros do grupo". É difícil, com homens tortos,

fazer revoluções direitas, não há dúvida. E também já não estamos em tempo de nos satisfazermos com aparências de revolução.

Essa ideia de que era preciso levar o homem mais longe no conhecimento do mundo que o rodeia e de si próprio, a começar pelo funcionamento do seu cérebro, levou Rossellini a largar o cinema, onde era mestre incontestado, e a dedicar-se à produção de séries para a televisão onde procurou retracar o percurso do Universo, enriquecido pelos aspectos múltiplos e fascinantes que as modernas ciências, da biologia à química, da cosmologia à matemática, fornecem. Ao mesmo tempo, retracava também a história do pensamento, procurando entender a uma luz nova o que Pascal, Sócrates, Santo Agostinho, Descartes, Jesus e Karl Marx têm para nos dizer.

"A minha luta consiste em sair da ignorância", disse.

E por isso tinha-se posto a passear pelo mundo, "tentando estar onde acontecem as coisas, fazendo por compreendê-las", como afirmava. De Allende, de quem ficou muito amigo, recordava "era um homem de uma inocência maravilhosa". E à minha observação de jornalista "se calhar foi isso que o perdeu, não se deve ser inocente em política", ele respondeu "se os políticos não podem ser inocentes, o mal é da política".

Morreu com dois projectos em mãos: o filme sobre Karl Marx que, no seu entender, completava o "Messias", terminado em 75, e um outro que seria "Trabalhar para a humanidade". Um seu livro recentemente publicado chama-se, por seu lado, "Um espírito livre não deve confundir-se com um escravo".

Eis a "onda" em que se encontrava um homem, setenta anos passados de uma vida, em que lutar e amar não foram só palavras ocas. A luta foi a resistência; o amor foram, pelo menos, as três mulheres com quem intensamente viveu e trabalhou e os seis filhos que delas teve.

Recordo aqui parte do diálogo que tivemos sobre elas: "Acha que se pode dizer que a Magnani o empurrava para fora de si e a Bergman para dentro de si? perguntei.

"Isso diz um pouco como elas eram diferentes. A Anna, que morreu no mês passado, eu não a via há doze anos. Mas quando se sentiu doente chamou-me para ao pé dela e disse-me: "prolbe-me de morrer". Eu lá fiquei até ao fim... Não pude evitar que morresse, mas lá fiquei..."

"E a Bergman... acha que ela o chamaria também, como a Anna?"

"Serei talvez eu a chamá-la", respondeu então.

E eis como a morte o apanha assim, nesta fase do percurso. Morte que obviamente não pode ser fim, mas apenas transformação: transformação que as nossas memórias farão do que dele nos ficou, transformação que as energias da terra farão do que dele lhes ficou.

Com Roberto Rossellini terão que se haver ainda muitas gerações vindouras, disso tenho a certeza.

Helena Vaz da Silva

(Este texto foi transmitido pela RDP-I em "Crónica da Manhã")

PREMIADO COM 4 OSCARS

Após "2001" e "LARANJA MECÂNICA" vem a obra máxima de STANLEY KUBRICK

"O mais belo filme de toda a história da 7ª-arte"

O TEMPO

"Uma obra arrebatadora quase mágica... encantadora e fascinante"

JORNAL NOTAS

"A perfeição em mecânica - só um grau"

DIÁRIO DE NOTAS

"Um extase continuo de beleza e ternura"

"Uma das maiores maravilhas artísticas do mundo"

VIDA MUNDIAL

MÊS!

admirar, gostar e ver de novo"

O DIA

"O filme mais importante de 77"

A CAPITAL



BARRY LYNDON

Escrito e Realizado por STANLEY KUBRICK

Com RYAN O'NEAL e MARISSA BERENSON

Não Aconselhavel a Menores de 13 Anos

estudio Apolo 76

CINEMAS LISBOA

- Alvalade. Tel. 897480/15.30, 18.30 e 21.15 — Zorro na Corte de Espanha. N. acons. men. 13
- Apolo 70. Tel. 763319/ 14.15, 17.45 e 21.15 — Barry Lyndon de Stanley Kubrick. Maiores 13 anos. * 00.30 — O diabo à solta. N. acons. men. 18 anos.
- Avis. Tel. 47163/ 15.30, 18.30 e 21.15 — Bala Sangrenta com Claudine Auger. N. acons. men. 18
- Berna. Tel. 776098/ 15, 18 e 21.15 — O homem da maratona de John Schlesinger. N. acons. men. 18 (y. crítica)
- Caleidoscópio. Tel. 795093/ 14, 16.30, 19 e 21.15 — O homem da maratona de John Schlesinger. N. acons. men. 18
- Castil. Tel. 530194/ 15, 17, 19 e 21.15 — Emmanuelle e Françoise. Int. men. 18
- Capitôlio. Tel. 372358/ 15, 17, 19 e 21.15 — Rapariga para casar... precisasse. Int. men. 18
- Cinebolso. Tel. 573407/ 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 — As raparigas alegres do campo. Int. men. 18 * 24.00 — 007 vive e deixa morrer. Int. men. 18
- Condes. Tel. 322523/ 14, 16.30, 19 e 21.30 — Escândalo de Salvatore Samperi. Int. men. 18 (ver crítica)
- Eden. Tel. 320768/ 14, 16.30, 19 e 21.15 — O mestre do Kung-Fu (estreia)
- Estúdio. Tel. 555134/ 15, 17, 19 e 21.15 — As partituras. N. acons. men. 13
- Estúdio 444. Tel. 779095/ 14.30, 16.45, 19 e 21.15 — O despertar. N. acons. men. 18.

- Império. Tel. 555134/ 15.15, 18.30 e 21.15 — Mek — um detective acima da lei com John Wayne
- Londres. Tel. 801313/ 14.15, 16.30, 19 e 21.15 — A última loucura de Mel Brooks. N. acons. men. 13
- Monumental. Tel. 555131/ 15.15, 18.30 e 21.15 — Viagem ao centro do Mundo. N. acons. men. 13
- Mundial. Tel. 538743/ 15.15, 18.30 e 21.15 — Zameer, a voz da consciência. N. acons. men. 13
- Nimas. Tel. 574362/ 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 — Não tens um ar tão mau como isso de Claude Goretta. N. acons. men. 13
- Odeon. Tel. 326283/ 15, 18.15 e 21.15 — Viva Rama — Viva Krishna. N. acons. men. 13
- Pathé. Tel. 821933/ 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 — A médica da inspecção militar. N. acons. men. 13
- Politeama. Tel. 326305/ 14.15, 16.30, 19 e 21.30 — África Express, c/ Ursula Andress. N. acons. men. 13
- Quarteto. Tel. 771378/ Sala 1 — 15, 17, 19, 21 e 23 — Goto a ilha do Amor, de Valeerian Borowczyk. Maiores de 18 * Sala 2 — 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 — Taxi driver de Martin Scorsese. Int. men. 18 * Sala 3 — 14, 16.30, 19, 21.30 e 00.00 — Siddhartha de Conrad Rooks. N. acons. men. 13 * Sala 4 — 15, 17, 19, 21 e 23 — Zardoz de John Boorman. N. acons. men. 18
- Roma. Tel. 727778/ 15.30, 18.30 e 21.15 — Uma mulher para dois homens. N. acons. men. 18
- Roxy — Tel. 42872/ 14.15, 17.45 e 21.15 — Passado esquecido de Nasir Husain. N. acons. men. 13
- S. Jorge. Tel. 554153/ 15.15, 18.15 e

ONDE E QUANDO NO FIM DE SEMANA

- 21.15 — A Pantera volta a atacar com Peter Sellers. N. acons. men. 13 (ver crítica)
 - Satélite. Tel. 562632/ 15, 17, 19 e 21.15 — Um homem para a eternidade. N. acons. men. 13
 - Star. Tel. 804210/ 15, 18 e 21.15 — A viagem dos malditos com Faye Dunaway. N. acons. men. 13
 - Tivoli. Tel. 570595/ 15.15, 18.30 e 21.15 — O homem da maratona de John Schlesinger. N. acons. men. 18
 - Vox. Tel. 720808/ 14.15, 16.30, 19 e 21.15 — A Pantera volta a atacar com Peter Sellers. N. acons. men. 13
- CINEMAS POI
- Água de Our. 17.45 e 21.15